

APRESENTAÇÃO DA ANTOLOGIA *NOVAS PÁGINAS AVULSAS* DE RODRIGUES DE FREITAS

MÁRIO SOARES

Exm.º Senhor Vice-Reitor da Universidade do Porto,
Exm.º Senhor Representante do Governador Civil,
Exm.ª Senhora Vereadora da Câmara Municipal do Porto,
Exm.º Senhor Presidente da Associação Comercial do Porto,
Exm.º Senhor Presidente da Fundação Eng.º António de Almeida,
Minhas senhoras e meus senhores, participantes deste colóquio:

O Senhor Vice-Reitor teve a amabilidade de lembrar que eu faço parte do claustro da Universidade do Porto, em virtude de uma grande generosidade da Universidade, quando me fez Doutor Honoris Causa. Foi essa uma das razões que fez com que, apesar de alguma dificuldade de horário, aceitasse participar neste colóquio, responder ao apelo e estar presente, visto que é organizado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Por outro lado, dá-se a circunstância de a Fundação Eng.º António de Almeida e do seu presidente, dr. Fernando Aguiar Branco, que tem sido exemplo de grande amizade e generosidade para comigo e que eu aprecio e estimo muito, estarem ligados à obra de Rodrigues de Freitas - *Novas Páginas Avulsas* - que hoje aqui se apresenta. Depois há ainda a presença nesta sala da Associação Comercial do Porto, de que tenho muitas recordações. Por todas estas razões, mas essencialmente por se tratar de Rodrigues de Freitas, eu não poderia deixar de estar aqui. Rodrigues de Freitas, cuja obra está dispersa e que eu conheço relativamente mal, mas cuja vida, significado político e acção no século XIX eu há muitos anos estudei, com algum pormenor, quando me licenciiei na Universidade de Lisboa e apresentei uma tese sobre Teófilo Braga e o movimento republicano em Portugal - *As ideias políticas e sociais de Teófilo Braga*. Nessa altura, a figura de Rodrigues de Freitas, bem como muitas outras, como a figura de Oliveira Marreca, de quem ele foi biógrafo, como mostram as suas iniciais *Páginas Avulsas*, foram objecto da minha atenção.

José Joaquim Rodrigues de Freitas foi realmente uma figura de enorme prestígio e fez parte daquela intelectualidade, daquele núcleo considerável de intelectuais dos finais do século XIX que exerceram a sua autoridade no Porto e marcaram o pensamento político e social de várias gerações em Portugal, visto que Rodrigues de Freitas foi amigo e companheiro de

Oliveira Martins, outra figura dominante no final do século, mas sobretudo de Basílio Teles e Sampaio Bruno. Eu penso que só agora, depois de tantas décadas, é que no Porto volta a haver uma geração destacada de pessoas com tanta força como a que teve esta geração, embora tenham existido importantes figuras de permeio, como sejam Jaime Cortesão e outras ligadas à revista *Águia* nos primeiros tempos da República.

Rodrigues de Freitas, ao contrário de Oliveira Martins, não foi uma figura que apresentasse uma obra sistemática. Escreveu muito, publicou alguns livros, e embora existam muitos outros artigos ainda dispersos por vários jornais, com as *Páginas Avulsas*, publicado em 1906, e com estas *Novas Páginas Avulsas*, que agora são publicadas, com o apoio da Fundação Eng.º António de Almeida, já se nota aqui uma obra considerável. Isto para além de outras obras de Rodrigues de Freitas, como *A Igreja, Cavour e Portugal*, sobre a liberdade religiosa e o laicismo, ou as *Reflexões sobre a questão bancária*, ou um livro em francês, *Notice sur le Portugal*, publicado em 1867, ou o folheto que é uma raridade bibliófila e que tenho a honra de possuir - *O Portugal Contemporâneo do Sr. Oliveira Martins*. Ou ainda os *Discursos Parlamentares*, no tempo em que foi deputado entre 1870-78. Depois voltaria a ser deputado, mas estes primeiros discursos foram determinantes e estão publicados.

A obra de Rodrigues de Freitas, com escreveu Duarte Leite na introdução às *Páginas Avulsas*, esgota-se na sua própria vida, é a sua própria vida. Sem pensar na realização plena de uma obra, ele era um homem que se dispersava não só pelos jornais, em artigos que eram como que ensaios sobre um tema e que ficaram dispersos, mas também por uma intensa participação cívica, visto que ia frequentemente a sociedades de recreio e associações onde procurava fazer uma pedagogia da democracia e da liberdade. Naturalmente a sua obra ressentiu-se disso. Morreu com 56 anos, mas também Oliveira Martins morreu jovem e deixou uma obra volumosa e sólida. Em todo o caso, Rodrigues de Freitas foi uma das figuras cimeiras do seu tempo e teve uma acção muito importante no Porto como professor da Academia Politécnica e como jornalista, numa acção orientada em vários sentidos.

Um desses sentidos era o da liberdade. Rodrigues de Freitas era, como se sabe, muito próximo do Setembrismo e dos irmãos Passos. Ele vem do liberalismo radical, essa era a sua matriz ideológica, e daí evoluiu naturalmente para o republicanismo. Já Oliveira Martins teve uma evolução ideológica muito diferente de Rodrigues de Freitas, visto que este foi sempre republicano, enquanto Oliveira Martins é republicano, depois socialista, depois socialista catedrático, depois adere aos partidos da monarquia, depois ainda é partidário da intervenção do rei, numa evolução muito complexa. Rodrigues de Freitas ficou sempre fiel ao seu núcleo de meios essenciais. Em primeiro lugar, a liberdade: liberdade política e liberdade económica,

mas liberdade económica limitada, porque ele aceita a intervenção correctiva do Estado para lutar contra a desigualdade, o que é algo de extremamente actual a marcar o seu pensamento. Por outro lado foi sempre republicano e, quanto ao socialismo, não foi socialista, mas a sua preocupação essencial era o que ele designava por altruismo e que não era outra coisa senão o que nós hoje chamamos solidariedade, e que nos tempos da República se chamou fraternidade. Ele era, portanto, adepto da justiça e da caridade, que tem uma conotação religiosa, mas que pode não ter essa conotação e que pretende no fundo ser o amor e o respeito pelo próximo. Ideias da mais absoluta actualidade.

Rodrigues de Freitas foi republicano, mas um republicano especial, porque o foi antes de 1880 e de 1890. Eu explico: 1880 foi o centenário de Camões e este facto foi apropriado magistralmente por uma pessoa chamada Teófilo Braga, o grande teórico do republicanismo até à queda da monarquia, para ligar a reflexão sobre a identidade portuguesa e a sua independência em relação aos povos peninsulares com o movimento republicano. E quando, em 1890, se dá o *ultimatum* inglês, os republicanos aproveitaram-no para tirar o maior partido dessa situação e tentar comprometer a monarquia e o próprio monarca, apresentados como antipatriotas. É nesse sentido que vem a revolta de 31 de Janeiro e Rodrigues de Freitas, que é anterior a esta geração, distancia-se e critica de alguma maneira a revolta, porque ele era um republicano evolutivo e constitucionalista e pensava que se devia chegar à República pela via democrática, isto é, pelo voto, pela via da maioria, o que é discutível que alguma vez se tivesse conseguido.

Isto só para dizer que apesar de a geração de Rodrigues de Freitas ser do republicanismo radical e um pouco iberista - foi o caso de Oliveira Martins e de Antero de Quental - ele era um republicano federalista, o que é um elemento diferente do iberismo e daquilo que se convencionou chamar de “união ibérica”. Estes conceitos tem de ser todos estudados por vocês, por aqueles que se interessam pelas questões do século XIX, presumo que todos os participantes deste colóquio, tudo conceitos com grande ligação à actualidade porque estão na raiz de muitos problemas que ainda existem na sociedade portuguesa e que estão em discussão: o nosso relacionamento com Espanha que tanto preocupou Rodrigues de Freitas, a questão da produção vs. repartição, a questão da democracia representativa, aspecto em que Rodrigues de Freitas foi sempre profundamente ortodoxo, a questão do socialismo, não socialismo como nacionalização de todas as formas de propriedade, mas como corrector do exercício de liberdade económica que não política. Na confluência destes temas está o pensamento fundamental de Rodrigues de Freitas.

Aliás é curioso como no folheto que referi, de crítica a Oliveira Martins, se reflectem o sentimento e a ideologia inerentes a estas questões. Eu dou muita importância a esse folheto, porque considero que o livro de Oliveira

Martins, *Portugal Contemporâneo*, é um dos livros mais fabulosos que se escreveram em Portugal em todos os tempos. Sou um apaixonado por esse livro, cuja leitura recomendo vivamente porque dá um retrato fabuloso do liberalismo em Portugal e das suas vicissitudes. É pressuposto que Rodrigues de Freitas tinha alguma suspeita acerca do liberalismo de Oliveira Martins que, quando da publicação do *Portugal Contemporâneo*, foi acusado de ter sido influenciado por um tio que tinha sido militante da causa miguelista. Ora justamente Rodrigues de Freitas pertencia a uma família liberal e o seu pai fora soldado do Exército Libertador. É curioso verificar como estas duas famílias políticas se mantiveram sempre ao longo do século XIX, de um lado os partidários do absolutismo, do outro lado os liberais, partidários da liberdade. E Oliveira Martins que, como referi, teve um percurso sinuoso, vai acabar por ser partidário da intervenção do poder real, portanto contrário à regra constituinte de que o rei reina mas não governa, que não se pode intrometer nos problemas da política concreta, como aconteceu por intermédio do interposto ministro João Franco, facto que conduziu ao regicídio de 1908.

Rodrigues de Freitas é pois um liberal ortodoxo, com grande sentido da justiça social. Este livro - *Novas Páginas Avulsas* - mostra-o na fase em que se refere às questões sociais, aberto aos problemas do laicismo, embora com uma crença indefinida e que não se sabe se chegou até Deus. Há uma referência de que a esposa dele na hora da morte terá começado a recitar-lhe o soneto de Antero "Na mão de Deus" e que ao ouvir essas palavras Rodrigues de Freitas teria dado mostras de estar em consonância com Deus. Mas isso não deixava de estar em consonância com um outro aspecto, a convicção de que a Igreja e a religião eram uma coisa e o Estado outra, e que essa separação devia ser assegurada para evitar as formas teológicas de governação. Hoje esses princípios são claros e vão no sentido do que defendia Rodrigues de Freitas - o laicismo.

Por todas essas razões e outras foi importante acontecer este colóquio de abordagem à obra de Rodrigues de Freitas, e a última razão é a de que a figura de Rodrigues de Freitas estava esquecida. Mas nesta cidade do Porto há um Liceu Rodrigues de Freitas, com importantes professores e metodólogos, e muitas gerações ficaram ligadas a esse Liceu. Liceu que foi crismado, e mal, de D. Manuel II. Não por causa de D. Manuel II, que fugindo com o 5 de Outubro, foi um patriota no sentido de defender sempre o interesse de Portugal, mesmo na República, por ocasião da primeira guerra mundial. Foi mesmo uma figura simpática e uma personalidade de nível cultural próprio, mas não justifica a substituição, que não foi senão um expediente da ditadura para apagar um nome respeitado, inclusive pelos monárquicos, aqui na cidade do Porto, o nome de Rodrigues de Freitas. Para todos os que tem ideia desta situação, o colóquio também vem a propósito.

Quero ainda felicitar o organizador do livro - *Novas Páginas Avulsas* - que agora vai ser lançado, visto que conseguiu reunir um conjunto de artigos muito importantes de Rodrigues de Freitas e escreveu um prefácio muito interessante porque foca todos os aspectos da personalidade do autor e traça um retrato muito vivo deste pensador republicano. É um livro dividido em quinze capítulos - a questão social, instrução, agricultura, indústria, a questão do Douro, bancos e moedas, as crises, poupança e seguros, questões fiscais, questões coloniais, relações com o Brasil, relações com a Espanha, os socialismos, questões locais, questões políticas - com a abordagem de algumas problemáticas ainda muito actuais. Um livro através do qual se mostra o pensamento de Rodrigues de Freitas, que era um pensamento com coerência, actualizado e de grande profundidade.

Felicito os organizadores do colóquio, o organizador da obra e a Fundação Eng.º António de Almeida que contribuiu para que este livro fosse possível.

N.B.: Este texto foi transcrito a partir da gravação e não foi revisto pelo autor.

